

TENTATIVA DE IDENTIFICAÇÃO DA IDEOLOGIA FRANCESA

UMA INTRODUÇÃO

Paulo Eduardo Arantes

1

Para variar, a literatura francesa de idéias está novamente mudando de pele. Só que desta vez não se trata de mais uma figura a se acrescentar ao habitual cortejo de novidades parisienses. Respira-se hoje em dia na França filosófica um clima de inegável restauração. Retorna-se aos Direitos do Homem e a tudo o mais que se insinua por essa brecha; redescobre-se a "liberdade luminosa do sujeito", como assegura um discípulo, comentando a última reviravolta de Foucault; retorna-se à Metafísica e aos valores da República; redescobre-se a Democracia, a Filosofia perene e as virtudes argumentativas do pensamento anglo-saxônico; pela enésima vez retorna-se a Kant e multiplicam-se as manifestações de adesão à irradiação cosmopolita da Europa ilustrada; após a *suspeita* hiperbólica que pairou durante um longo período sobre as noções de verdade, sentido, conhecimento etc., renasce a confiança na grande família dos universais e na vocação clássica do filósofo para o *droit de regard*, chamado a fundamentar — ou "problematizar", como preferem os veteranos mais escaldados — a Moral, o Direito, a Política etc.¹.

Uma reconversão aparentemente tão rasa que até mesmo os mais alérgicos à fraseologia imperante nos últimos anos não podem deixar de constatar, e quase lastimar, uma queda evidente na voltagem da inteligência francesa. No centro, a reconstrução do Humanismo — filosófico, jurídico, antropológico etc. Entretanto, um observador menos paciente que, sobrevoando o tabuleiro parisiense bem rente à sua linha de flutuação doutrinária, julgasse estar assistindo à revanche do estilo de pensamento escarnecido e sepultado nos anos 60 pela voga estruturalista, erraria o alvo. As oscilações do pêndulo francês não são assim tão simétricas. A atual querela do Humanismo não é de modo algum um *revival* do contencioso de trinta anos atrás, antes a expressão de um realinhamento ideológico geral. Simplesmente não dá para imaginar Sartre contrapondo à "morte do homem", proclamada por Foucault e Cia., os direitos humanos, a universalidade das normas jurídicas, as raízes éticas da verdade etc. — como, na primeira época do Existencialismo, a imortal Srta. Mercier lhe opusera o sorriso da criança. Nem o rosário

(1) Para uma breve recapitulação desses *revivals*, ver o livro de Peter Dews sobre o pós-estruturalismo, *Logics of Desintegration*, Londres, Verso, 1987, Introdução. Do lado francês, quanto à restauração em marcha, ver, por exemplo, Edgar Morin, "Ce qui a Changé dans la Vie Intellectuelle Française", te *Débat*, n° 40, 1986; Joel Roman, "Une Nouvelle Querelle de l'Humanisme?", *Esprit*, ago-set. 1986.

de maiúsculas que fazem a hora parisiense do momento, muito devotada ao reino dos fins — Humanidade, Cultura, Razão etc. — nas páginas do *Temps Modernes*, que aliás nelas só compareciam quando se tratava de delimitar o campo adverso, onde brilhavam as "luzes" de antanho ao lado de outras efusões da vida do espírito sob a caquética ordem capitalista francesa. Como no entanto, nos tempos do existencialismo triunfante, Sartre empenhou-se em rebater a acusação de anti-humanista praticante, chegou até a prometer os fundamentos de uma doutrina moral e denunciar em Lévi-Strauss o vírus do estetismo, por se referir à luta dos homens com a indiferença dos etólogos, não se pode excluir a possibilidade de que venha a ser vítima de uma reabilitação, como vem ocorrendo com Merleau-Ponty.

Em suma, uma reviravolta tão inapelável, uma revoada tão acintosa de valores — do *habeas corpus* aos cuidados da alma — que, observadas as coisas em retrospecto e a vôo de pássaro, acaba se destacando na paisagem uma razoável continuidade entre a Era Sartre e os Anos Foucault, irmanados pelo menos no antagonismo de uma cultura em estado de secessão permanente. Embora polemizando exclusivamente com as idéias dominantes nesses anos em que a deriva de Foucault deu o tom, os novos humanistas — e a crônica perderia boa parte de sua graça se entre eles não se encontrassem inúmeros veteranos da estação anterior — estão na verdade rompendo com meio século de pensamento oposicionista francês, se lembrarmos que data dos anos 20/30 a guinada radical *vers le concret*, como se dizia na época, que levou para longe da rota traçada por Brunschvicg, Bergson e demais pontífices da República dos Professores o melhor da inteligência filosófica do país. Hoje a fantasia conceitual francesa volta a sonhar com o conforto espiritual da assim chamada (a torto e direito) Modernidade, claro que temperada pela luz negra da melancolia e outras elegâncias barrocas.

Um novo alinhamento, portanto. Mas sobretudo o fim de um ciclo de quase três décadas de hegemonia da Ideologia Francesa. Excelente ocasião para finalmente tentar reconhecer-lhe destino e caráter.

2

Até onde posso saber, foi Cornelius Castoriadis — não por acaso um *outsider* — o primeiro a chamar Ideologia Francesa o referido ciclo da cultura ensaística na França. Aliás um batismo tardio, quando já tinham ficado para trás o Estruturalismo, rescaldos libertários de Maio de 68 e alastrava-se a Desconstrução, quando já haviam entrado em cena os Desejantes, o lacanismo apresentava os primeiros sinais de decomposição e, rompendo com a "hipótese repressiva" da opinião gauchista até então imperante, Foucault dava sua penúltima guinada — sem falar no surto espiritualista dos assim chamados Novos Filósofos, antigos maoístas em disponibilidade². Embora no momento interesse mais a denominação do que as razões alegadas pelo Autor, observemos que a identificação se dá, muito rapidamente, pela função de desconversa e divisão do trabalho: enquanto a combatida "ideologia principal" do sistema dominante se encarregaria da tarefa rotineira, e hoje bastante desacreditada, de persuadir os indivíduos de que o problema da sociedade enquanto tal não tem cabimento ou está sendo resolvido pelo bloco hegemônico de plantão, o discurso desviante dos *maître-à-penser*, amplificado pela engrenagem educacional, mídia etc, assumiria proporções de verdadeira manobra diversionista, abortando a gestação de idéias pertinentes sobre questões perti-

(2) Cf. Castoriadis, *Les Carrefours du Labyrinthe*, Seuil, Paris, 1978, p. 118. Ver também "Les Divertisseurs", in Castoriadis, *La Société Française*, UGE, col. 10/18, Paris, 1979, pp. 223-232.

nentes. A cada nova figura, essa fraseologia de ponta retomaria seu papel exclusivo de "ideologia complementar". Noutras palavras, na ideologia de nosso tempo não se encontra refletida, por um sem-número de idéias truncadas, a falsa consciência das classes dominantes, mas o diagrama variável de uma pseudo-alternativa de subversão global. Por isso é bem provável que na origem da "apelação" de Castoriadis também esteja o intuito de rimar com o similar alemão identificado por Marx nos anos 40 do século passado. Neste caso, seria bom recordar que desde os tempos muito loquazes do *Vormärz* os "ideólogos alemães" também não tinham parte com o integrismo do país oficial, nem com a morna *Aufklärung* da boa vontade reformista: pelo contrário, alardeavam uma ruptura histórica iminente induzida por um rastilho de *putschs* discursivos. Se nos lembrarmos do que de fato se passava na Alemanha antes de 1848 (e sobretudo depois), não há dúvida de que os "ideólogos" alemães também falavam, como seus futuros confrades franceses, "*pour que les gens pensent à côté*", como pretende Castoriadis.

Ainda quanto ao provável batismo por analogia, seria o caso de se observar de passagem que o enquadramento polêmico de Castoriadis não é inédito. Análises históricas à parte, está curiosamente próximo da maneira pela qual Lukács denominava "apologia indireta" a fronda intelectual alemã — que não se esgota na bravata acanhada de um pobre-diabo como Stirner mas se prolonga até o colapso final do "jargão da autenticidade" —, graças à qual, desde o fim do "período artístico" alivia-se a má consciência da *Bildungsbuergertum* diante dos malfeitos de uma classe dominante que passara de vez para a retaguarda sem nunca ter estado na ofensiva. Como a apologia ostensiva nunca esteve em alta, estaria aberto o campo para as manobras radicais dos verdadeiros ideólogos. Lukács evidentemente não se limitou a explorar as singularidades do caso alemão, até porque os descompassos característicos deste último antecipavam complicações contemporâneas. Tanto é assim que reencontraremos a bem dizer o mesmo raciocínio nas análises lukácsianas do modernismo literário europeu do primeiro novecentos: onde esperávamos antagonismos, pois afinal vanguarda é secessão, voltamos a deparar conformismo na forma superlativa do irreconciliável. Até aí não vai Castoriadis, restrito ao confronto político direto, sem meias-palavras. Podemos contudo presumir que esse mesmo ar de família derive de afinidades objetivas que uma reconstituição comparativa da dissidência burguesa na França e na Alemanha certamente revelaria. Digamos enfim que uma longa temporada de *imbroglios* ideológicos está se encerrando pelo menos com o nome certo.

3

Mas uma temporada internacional e portanto com desenlace variado conforme a geografia cultural. Sirva de divisor de águas a fortaleza acadêmica americana.

Sartre atravessou inúmeras vezes o Atlântico. Malgrado o antiamericanismo congênito do autor maldito porém consagrado, seus escritos estavam encharcados de jazz, cinema e romance policial, sem falar nos clássicos do modernismo americano. Mesmo assim o Existencialismo e seus derivados jamais ultrapassaram as barreiras alfundegárias da cultura filosófica local. São conhecidas algumas das razões, nem todas conjunturais: tanto no plano político quanto no retórico, tratava-se do próprio Anticristo, cheirando a enxofre no auge da Guerra Fria; além do mais, o contencioso demarcando elucubração metafísica e linguagens bem cons-

truídas já viera armado da Europa, desde os tempos em que o Círculo de Viena passara a perseguir os enunciados da fenomenologia, tachados de pseudoproposições. O degelo veio com o pós-estruturalismo — como é conhecido na bibliografia anglo-americana, e depois alemã, o capítulo central da Ideologia Francesa —, não sem algum paradoxo e com a ajuda de várias transformações concomitantes. Pois no tempo em que as novas idéias francesas foram postas de quarentena pelos professores americanos de filosofia, Sartre rodava o mundo, um palco cujos refletores pareciam estar ainda na Rive Gauche desde os anos 30, mas sempre voltados para além das fronteiras nacionais, da Guerra Civil Espanhola à Revolução nos Trópicos deflagrada em Cuba. O *pathos* do "engajamento", desmoralizado no início do período que nos interessa estudar, pelo menos aspirava à envergadura planetária. A tradição intelectual firmada no decênio anterior por Gide, Malraux etc, Sartre viria acrescentar depois da Guerra, reunindo pela primeira vez numa só pessoa o escritor e o profissional das idéias, o gesto mais enfático da problematização filosófica, renovando-lhe por aí os assuntos. Mais patente porém ia se tornando o seguinte descompasso: um país relativamente retardatário na corrente do novo capitalismo, como a França dos anos Sartre, funcionando como quadrante da hora ideológica mundial. Miragem característica do derradeiro "paraíso dos intelectuais", cuja ascendência se explicaria justamente pelas idiossincrasias do "atraso" mencionado? Como se sabe, era mais ou menos essa a posição de Raymond Aron em meados dos anos 50, alguém aliás que tinha motivos de sobra para apreciar a maneira pela qual, no mundo anglo-saxão, o mercado punha os intelectuais no seu devido lugar. De qualquer modo, mesmo dando à ilusão a parte que lhe cabe, com aquele período encerrava-se a "idade de ouro da consciência histórica", como reconhecerá Lévi-Strauss ao lançar-lhe a primeira pá de cal no limiar do novo ciclo.

Para salientar a mudança de horizonte bastaria cotejar *Les Temps Modernes* e uma das principais vitrines do momento que se abre, *Tel Quel*. Ressaltará imediatamente a índole paroquial da vanguarda, ressuscitada com a estridência conhecida. Pois bem: um dos maiores lugares-comuns na interpretação do primeiro capítulo da Ideologia Francesa, o Estruturalismo, costuma associá-lo à grande onda modernizante da Quinta República gaullista, quando finalmente o capitalismo contemporâneo chega à França e com ele o torpor da sociedade de consumo. Na política interna, a calma que se segue ao fim da Guerra da Argélia irá acelerar a edificação do novo Estado Providência, enquanto no plano internacional a conjuntura de *détente* e expansão econômica, além de contribuir para desbloquear um país secularmente emperrado, reforçará no âmbito ideológico a impressão de que a história finalmente evaporara. Quanto a esta última construção mental, digamos que se tratava na verdade da projeção de um sentimento com forte apoio local, a sensação de que quanto mais o país se reciclava menos a gesticulação da *grandeur* gaullista conseguia maquiagem o seu gradativo apequenamento na ciranda planetária do grande capital. Daí o encurtamento de perspectiva assinalado acima, e que se manifesta, entre tantos outros indícios, na substituição do escritor filósofo, porta-voz da consciência do mundo, pelos professores, mais exatamente, pelos especialistas em "ciências humanas". O horizonte rebaixado, quando comparado ao internacionalismo da Era Rive Gauche, exprime um certo confinamento doméstico, de que o circuito universitário reativado é mero prolongamento, mesmo, ou melhor, sobretudo quando passa a abarcar os Departamentos de Humanidades do mundo inteiro. Considere-se desse ângulo Maio de 68, que relança a segunda fase da Ideologia Francesa. Menos uma brecha, como costuma ser mag-

nificado, do que um "*tremblement de terroir*" em cuja esteira, balizada pelo direito à Diferença e outros descentramentos, se completaria a americanização da França³. Começa então a conquista da América pela Ideologia Francesa, sob o nome de pós-estruturalismo.

Nesse meio tempo modificara-se substancialmente o panorama americano. Sabe-se que menos de três décadas depois de proclamada por Reichenbach a profecia de ascensão e triunfo da "filosofia científica" nos Estados Unidos, longe de cumprir-se, viu-se seriamente torpedeada pela própria prata da casa, apoiada sobretudo na lição passada a limpo do segundo Wittgenstein. Além do mais, essa dissidência pós-positivista costuma ser legitimada por retomar uma outra tradição local, a do "pragmatismo" de entre-guerras, encarnada por Dewey e discípulos, abafado pela profissionalização subsequente do argumento filosófico, de costas, para o conflito social das opiniões⁴. Desacreditada a obsessão "fundacionista", reabilitado em sua versão americana o abominado "historicismo", baixava-se a guarda diante da última figura francesa da filosofia continental. Isto quanto a expectativas no circuito mais restrito dos *paperse* colóquios binacionais. Alargando um pouco o horizonte, um dos principais teóricos dessa nova sensibilidade chega a afirmar que a predição deweyana para o futuro da filosofia nos Estados Unidos — a saber, que a cultura filosófica se desviaria da tensão "representativa" entre o modelo físico-matemático do saber e a visão comum do mundo, voltando-se para problemas extraídos das ciências sociais e das artes —, que tal programa estaria enfim sendo realizado por assim dizer conjuntamente pela filosofia européia e pela cultura *highbrow* americana⁵. Mas nenhuma palavra acerca das mudanças de cenário que permitiram à Ideologia Francesa desembarcar na América justamente pelas mãos exclusivas dos *highbrows* encastelados em alguns Departamentos de Letras. Seja como for, o fato é que largas porções do pensamento europeu não foram importadas no mundo anglo-saxão pelos filósofos mas pelos teóricos da literatura, irradiando dali para os setores menos ortodoxos do campo "analítico". Um transplante revelador em mais de um aspecto, ao que parece abundante em equívocos recíprocos e convergências ideológicas intempestivas. Assim, a década de 60 ainda não havia se encerrado quando alguns críticos americanos começaram a aplicar o mais recente repertório francês à nova narrativa local, Barth, Pynchon, Barthelm etc. A sequência é conhecida: uma pequena legião de *litterati* atribuiu àquele bando de idéias novas o condão de despertá-los do longo sono dogmático do New Criticism agonizante — para alguns, entretanto, quando muito um retorno agravado do velho formalismo da Nova Crítica. Estava aberta a temporada desconstrucionista. Ainda se discute para saber até que ponto esta dominância da estética literária amorteceu a impregnação gauchista originária do pós-estruturalismo. De qualquer modo, o foco literário se alastrou e hoje em dia uma boa parte da América pensante, da Antropologia à Economia, da História à Filosofia, passando pela Epistemologia, pelas Artes Plásticas e pela Arquitetura, gira em torno do "deconstructive turn".

A travessia do Atlântico integrou de vez a "nova retórica francesa" — outro nome escarninho inventado por Castoriadis — na geléia terminológica internacional. Mais exatamente, ao longo de sua aclimação americana, acabou precipitando a cristalização de um novo gênero, um outro traço fisionômico a partir do qual identificar a Ideologia Francesa. O advogado mais representativo desse estado de coisas — o filósofo Richard Rorty mencionado no parágrafo anterior — sem dúvida exagera, no afã de fornecer uma genealogia ilustre aos supracitados *highbrows* convertidos ao prazer da desconstrução, fazendo remontar o gênero

(3) Cf. Régis Debray, *Modeste Contribution aux Discours et Cérémonies Officielles du Dixieme Anniversaire*, Maspero. Paris. 1978.

(4) Cf. Richard Rorty, "Philosophy in America Today" e "Professionalized Philosophy and Transcendentalist Culture", in *Consequences of Pragmatism*, The Harvest Press, Brighton, Sussex, 1982.

(5) Cf. Richard Rorty, *Consequences of Pragmatism*, ed. cit., p. 64.

em questão aos tempos de Goethe, Macauley e Carlyle, definindo-o por uma mescla original de juízo literário, história das idéias, filosofia moral, epistemologia e profecia social. Até mesmo a denominação historicamente consagrada porém imprecisa, "crítica literária", ainda assim viria a calhar, pois deixava transparecer a índole verdadeira, "textual" e interpretativa, da cultura que estaríamos vivendo nos dias de hoje. Para quem fala em pleno Inferno dos Intelectuais (Aron), a perspectiva é lisonjeira, não fosse apócrifo o gênero — arremedo abstruso e bisonho da descompartimentação ensaística —, além do mais equivocado quanto à natureza do processo que lhe sustenta a fantasia. Nosso Autor acredita que na Inglaterra e nos Estados Unidos a filosofia profissional já teria sido desbancada pela "crítica literária" — isso em fins dos 70. Presumindo em consequência que a dita "high-brow culture critic" tenha equiparado seus protagonistas americanos à tão ambicionada "função cultural dos professores de filosofia em países onde Hegel (*sic*) não foi esquecido"⁶. Por certo tonificada pelo enxerto francês, pois não é outra a matriz do gênero anômalo cuja certidão de nascença estamos procurando. Ora, nos Estados Unidos ele passou a atender pelos nomes de "textual theory", "contemporary theory", "critical theory" (*sic*), "theoretical discourse". Ou enfim, pura e simplesmente *Theory*, este o nome americano da Ideologia Francesa. Nem "filosofia" nem "crítica literária", nem "psicanálise" nem "ciência política", e assim por diante. Um arranjo que sem dúvida desconcerta os profissionais concernidos pela miscelânea em questão, pois nenhum autor ou tema, queixam-se os especialistas americanos ainda ofuscados pelo novo jargão, aparece tratado segundo os critérios de sua disciplina originária nesse amálgama que timbra em tornar exótico o familiar e quando muito apenas imita procedimentos argumentativos comprovados pela tradição expositiva acadêmica⁷. Qualquer brasileiro terá reconhecido de imediato o antigo figurino francês do Estruturalismo, quando então circulavam, entre as várias e recém-entronizadas "ciências humanas", em substituição à finada reflexão filosófica de última instância, modelos unificados fundindo num mesmo sobrevôo Saussure e Marx, Freud e Braudel, Lacan e Frege etc, tudo em nome do Conceito a ser produzido. Enfim, nos Estados Unidos entrava em cena uma outra "kind of writing", novo gênero supremo ao qual, na condição de "façon de parler" ou "high talk" pós-filosófico, tudo o mais se subordinaria.

Um último passo completaria a transplantação e ajudaria a definir o lugar da fraseologia francesa na ciranda ideológica contemporânea. À ruptura americana a partir dos anos 60 com o alto Modernismo literário, com o Estilo Internacional da Arquitetura Nova, com o expressionismo abstrato, com a música serial etc, corresponderia, no plano da "escrita", a irrupção da Theory proteiforme que o pós-estruturalismo traria consigo⁸. Como se sabe, é desse deslocamento multifacético que se costuma datar a configuração do famigerado "Pós-moderno". Ora, o elo americano nessa cadeia internacional se incumbiria de mostrar que a Ideologia Francesa era na verdade a "teoria" do pós-modernismo. Ou melhor, muitos estudiosos da síndrome pós-moderna (aliás um fenômeno compreensivelmente americano) passaram a incluir aquela escrita andrógina, espécie de teoria bastarda que embarçava nas malhas de um mesmo jargão vagas conceituações disparatadas assim como a nova sensibilidade se comprazia em eliminar a profundidade da sondagem moderna contaminando o alto pelo baixo à maneira inaugurada pelo *pop*, entre as manifestações da mencionada pós-modernidade⁹. Não deixa portanto de ter sua graça que mais tarde, na virada dos 70 para os 80, ideólogos franceses em mutação tenham descoberto a "condição pós-moderna" nos Estados Uni-

(6) Cf. R. Rorty, *Philosophy and the Mirror of Nature*, Oxford, Basil Blackwell, 1980, p. 168, nº 6.

(7) Cf. Jonathan Culler, *On Deconstruction*, Cornell U., 1982.

(8) Cf. Andreas Huyssen, "Mapping the Postmodern", *New German Critique*, nº 33, 1984.

(9) Cf. Fredric Jameson, "Pós-Modernidade e Sociedade de Consumo", *Novos Estudos CEBRAP*, nº 12, 1985, p. 17. Cf. também F. Jameson, "Postmodernism or the Cultural Logic of Late Capitalism", *New Left Review*, nº 146, 1984.

dos e importado retalhos de sua própria, porém à primeira vista irreconhecível, "teoria"¹⁰.

Mas antes de incluir o registro americano da Ideologia Francesa na "lógica cultural do capitalismo avançado", seria bom antecipar uma aparente incongruência na fusão de pós-estruturalismo francês e pós-modernismo americano, sempre no intuito preliminar de recompor em suas linhas gerais a trajetória do ciclo que está se encerrando. Como ficou sugerido páginas atrás, não são poucos os observadores que assinalam a domesticação americana do finado gauchismo dos ideólogos franceses, notadamente no plano literário da Desconstrução. Pode-se por certo duvidar que tenha havido mesmo desfiguração. Mas o fato é que, pelo menos em seu impulso inicial, a Ideologia Francesa parecia alimentar-se das últimas sobras das vanguardas históricas, já rotinizadas e amaneiradas na mera gesticulação modernista. A esse respeito, confiemos no instinto seguro do gosto convencional. Castoriadis, por exemplo, na algaravia dos "divertisseurs" vê antes de tudo "colages d'une *pop philosophie en plastique*". Claude Lefort, por sua vez, vai na mesma direção quando investe, na Apresentação do primeiro número de *Libre*, contra o "modernismo" (mais ou menos como nossos avós desancavam o "futurismo") responsável pela "agitação febril" da *intelligentsia* parisiense. A marcha errática do "discurso moderno" francês terá certamente outra razão de ser que não o frenesi atribuído à idade heróica. Por outro lado, algum sexto sentido não pode deixar de ter advertido mesmo os mais excitados *maîtres-à-penser* que já nos idos de 60 fazia tempo que o *ethos* vanguardista tinha os seus dias contados. Não obstante perseverou-se na *mise-en-scène* da Transgressão.

Quem se dispusesse a percorrer o paideuma da Ideologia Francesa desde os tempos da assim chamada Revolução Estrutural, encontraria, em ordem mais ou menos disparatada, antigos e novos patronos do Modernismo francês, de Lautréamont e Mallarmé a Artaud, Bataille e Blanchot — para ficarmos num dos estribilhos prediletos de Foucault. Uma tal idiossincrasia levou um estudioso do pós-modernismo americano ao seguinte arranjo, simpático à anomalia francesa, que procura então acomodar na paisagem de além-Atlântico: à primeira vista, longe de ser uma radiografia da cultura (pós-moderna) contemporânea, o pós-estruturalismo apresenta-se de fato como uma recapitulação do modernismo na época de sua exaustão, mas sobretudo do seu veio estetizante. Pois é precisamente esta condição de *revenant* do modernismo, no fundo uma longa citação na forma da "teoria", que o torna enfim pós-moderno". Fica no entanto o quebra-cabeça: um repertório de idéias modernistas tardiamente organizadas num momento em que a França ia deixando de ser um país rural e provinciano — embora tenha sido justamente nessa condição o palco das últimas vanguardas históricas —, tornou-se nos Estados Unidos a matéria-prima de que careciam os ideólogos de uma nova etapa cultural do capitalismo multinacional.

(10) Cf. Maurizio Ferraris, "Postmoderno", in AA.VV., *Imagini del Postmoderno*, Venezia, Cluva, 1983, p. 22.

(11) Andreas Huyssen, *op. cit.*, pp. 39-40.

4

Pois foi nessa encruzilhada que a Nova Teoria Crítica alemã (antiga Escola de Frankfurt) tomou conhecimento pela primeira vez do pensamento francês contemporâneo. E vice-versa, também foi nos Estados Unidos que os franceses descobriram que havia na filosofia alemã algo mais do que Nietzsche e Heidegger. Desconhecimento mútuo para o qual não faltarão razões de ordem local e outras

implicâncias paroquiais. O que realça ainda mais o fato de o primeiro confronto ter ocorrido em terra estrangeira, mesmo barateado em seguida pela rotina, responsável por uma espécie de FlaFlu internacional, variando o resultado conforme variam os fatores campo e torcida. Ocorrência compreensível do estado mundial das coisas, o debate americano foi o primeiro a internacionalizar-se. Registre-se ainda a precedência alemã na descoberta da América. Ameaçado de extinção pela nazificação do continente europeu, a transferência do Institut für Sozialforschung para os Estados Unidos, se não lhe aumentou a audiência, redobrou-lhe o ânimo inquiridor, acrescentando ao amplo espectro de intervenção do marxismo alemão de entre-guerras, além da meditação histórico-filosófica provocada pela revelação do estado de alienação terminal no capitalismo administrado, a percepção renovada do ponto sensível de todo intelectual alemão, concentrado como se sabe nos efeitos antitéticos do processo de modernização, percepção aguçada pela situação de comparatismo permanente e estudioso em que acabou se convertendo a fatalidade da emigração. Porém não foi exatamente esse materialismo de fim de linha o responsável por mais esta tentativa de identificação da Ideologia Francesa mas, como lembrado, uma versão ampliada, no caso, por uma perspectiva de reconstrução a um tempo teórica e prática, ela mesma reformulada em função de um "linguistic turn", como se diz, de intenções normativas que o distinguem da reviravolta similar na origem do atual surto historicista da literatura de idéias anglo-saxônica.

Na ordem do dia, recordemos, em meio aos problemas de legitimação do capitalismo avançado, a multiplicação dos sintomas de esgotamento do assim chamado, pelos novos teóricos alemães, Projeto Moderno, sob o fundo de uma reação conservadora inquietante. Não viria ao caso enumerá-los agora e por extenso, tampouco os sinais costumeiramente alegados em favor do surgimento da "pós-modernidade". Conviria observar apenas o que uma tal *Tendenzwende*, que volta a limitar a modernização ao crescimento capitalista e ao progresso técnico, exorcizando em conseqüência os desdobramentos culturais por ela mesma propiciados e que no entanto a contrariam, pode encerrar de alarmante para intelectuais alemães que conheceram por experiência direta as mais sinistras formas de modernização conservadora. Há sem dúvida nuances significativas nesse clima mundial de opinião favorável a processos capitalistas de modernização e enfaticamente hostil ao modernismo político-cultural, nuances que se prendem a diferentes tradições de cultura política nos respectivos meios intelectuais. Se, ao que parece, um mesmo colapso da imagem positiva que as sociedades industriais desenvolvidas alimentavam a respeito delas próprias vem impulsionando o neoconservadorismo atual, é preciso no entanto distinguir a decepção de antigos liberais americanos convertidos em doutrinários da Era Reagan-Thatcher, da oposição de raiz dos ideólogos alemães que se vergaram depois de 1945 aos imperativos tecnológicos ultramodernos de uma acumulação capitalista acelerada sem nunca se reconciliarem de fato com o mundo da *Aufklärung*¹². Em contrapartida, os protagonistas franceses da nova virada ideológica não são nem trãsfigas do liberalismo nem mandarins reconciliados à força com o curso moderno do mundo. Pelo contrário, esses demolidores da retórica progressista da emancipação são veteranos do gauchismo e teóricos da cultura alternativa, ideólogos dos Novos Movimentos Sociais, além de abstratores da quintessência da civilização americana dita pós-industrial. Daí a verdadeira sublevação parisiense provocada por Habermas quando os rotulou de "jovens-conservadores", acrescentando mais um qualificativo à cambiante identidade dos mestres pensadores franceses¹³.

(12) Cf. J. Habermas, "Les Néo-Conservateurs Américains et Allemands contre la Culture", *Les Temps Modernes*, déc. 1983, publicado originalmente em *Praxis International*, jan. 1983.

(13) Cf. "Modernity versus Postmodernity", *New German Critique*, n.º 22, 1981, p. 13. Tradução brasileira in *Arte em Revista*, n.º 7, CEAC, 1983.

Como é difícil um autor alemão empregar sem conhecimento de causa essa apelação original muito bem controlada, detenhamo-nos um pouco numa outra recapitulação do próprio Habermas. Num breve panorama da situação intelectual da Alemanha de hoje (de fato fins dos 70), depois de assinalar o estado generalizado de "não-contemporaneidade" que parece caracterizar o mosaico social da atualidade, onde raramente é possível distinguir regressão e experimentação, resistência e revivalismo, Habermas relembra que se deve justamente a fenômenos de defasagem o olhar especificamente alemão dos "jovens-conservadores" de entre-guerras Jünger, Heidegger, Gottfried Benn, Carl Schmidt etc, uma sensibilidade que certamente se ajustaria aos fenômenos obscuros que hoje ocupam a antecena¹⁴. Seria conveniente observar que a designação nem sempre é infamante, podendo incluir por exemplo a linha de crítica cultural do Thomas Mann das *Considerações de um Apolítico*, ou então os resquícios do Movimento de Juventude do próprio Walter Benjamin que, segundo nosso Autor, teria encontrado em H. Arendt uma defensora, no caso, justamente do "esteta sensível e vulnerável, o colecionador e o erudito contra as reivindicações dos seus amigos marxistas e sionistas"¹⁵. Habermas chega até mesmo a entroncar nessa linhagem congenitamente dúbia nada menos do que Pasolini, mas como não dá nenhuma explicação, podemos conjecturar: teria em mente, por exemplo, a obstinação com que o autor dos *Escritos Corsários* se opunha à aculturação capitalista da Itália contemporânea? Um caso à parte que mencionamos por nos reconduzir, das sublimações alemãs do Interdito, à rota francesa que nos interessa qualificar.

À primeira vista nada aflora na superfície da experiência francesa que convida a tais sondagens "alemãs" à contracorrente da prosa moderna do mundo e no entanto Habermas chamou de jovens-conservadores os pós-estruturalistas por se abandonarem às "revelações de uma experiência descentrada", transmigrando para o "âmbito do longínquo e do arcaico os poderes espontâneos da imaginação", por contraporem à grisalha da razão raciocinante um "princípio somente acessível pela evocação". Sobras do Surrealismo? Seguramente, mas não só. Em todo caso, qualquer leitor de Foucault haverá de acompanhar Perry Anderson na observação segundo a qual atravessaria a obra de Foucault, desde a *História da Loucura*, um apelo constante a uma "experiência primordial indômita", espécie de "acusação inominável" por conta de um Outro originário¹⁶. Como também concordaria com Carlo Ginzburg, quando este se refere ao "populismo negro" que inspira a análise — ou melhor, o confisco de qualquer interpretação — do caso Pierre Rivière. Sendo o estupor e o silêncio as únicas reações autorizadas, fica apenas o "êxtase diante do estranhamento absoluto"¹⁷. Uma abstenção de inequívoca índole estetizante. Algo como um *frisson* estético-epistemológico que acompanha o abandono ostensivo da idéia materialista de Crítica. Em lugar do esclarecimento dos conflitos reprimidos e escamoteados, o calafrio diante da indiferenciação das formações ideológicas sem avesso¹⁸. Pois essa mesma indiferença de princípio, mais exatamente o espetáculo de razões de se inclinar numa ou noutra direção alternadamente anuladas, bastaria para justificar a inclusão do pós-estruturalismo no campo jovem-conservador. Ao que parece, uma constelação resuscitada pela "nova intransparência"¹⁹, distanciamento que de fato restaura o olhar congelado do *ethos* conservador ao afetar observar as atribulações contemporâneas do ângulo remoto do historiador do futuro²⁰.

Ocorre entretanto que não são assim tão flagrantes os laços de família entre essa apatia, digamos antifundacionista, alardeada pelos ideólogos franceses, sem dúvida *blasés* pelo refluxo do ímpeto moderno, e o decisionismo estetizante dos

(14) J. Habermas, "La Colonisation du Quotidien (*Lebenswelt*): sur la situation intellectuelle de l'Allemagne Fédérale", *Esprit*, déc. 1979, p. 50.

(15) J. Habermas, "Crítica Conscientizante ou Salvador — a atualidade de Walter Benjamin", in *Habermas*, coletânea organizada por Bárbara Freitag e Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo, Ática, 1980, p. 171.

(16) Cf. Perry Anderson, *A Crise da Crise do Marxismo*, São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 61.

(17) Cf. Carlo Ginzburg, *O Queijo e os Vermes*, Cia. das Letras, São Paulo, 1987, pp. 23-24.

(18) Cf. J. Habermas, *The Philosophical Discourse of Modernity*, Cambridge, Polity Press, 1987, p. 127.

(19) Cf. J. Habermas, "A Nova Intransparência — A crise do Estado de Bem-Estar Social e o Esgotamento das Energias Utopicas", Trad. CA. Marques Novaes, *Novos Estudos CEBRAP*, nº 18, 1987.

(20) Cf. Richard Rorty, "Habermas, Lyotard et la Postmodernité", *Critique*, nº 419, 1982, pp. 192-193; Jacques Bouveresse, *Rationalité et Cynisme*, Paris, Minuit, 1984, pp. 166-167.

jovens-conservadores alemães. Ou não? Sabe-se que na última década a Alemanha universitária assistiu à escalada do novo estilo francês, uma irrupção perfeitamente insólita para os padrões locais. Dentre as várias explicações para o fenômeno, Habermas refere-se de preferência ao horizonte negro que rebaixou as expectativas dos intelectuais mais jovens, à percepção exasperada da marcha desastrosa da sociedade alemã a partir dos anos de chumbo, uma sensibilidade de tal sorte afetada por aquele estado de coisas que as teorias acerca do caráter não-verdadeiro do Todo e a conseqüente (ou inconseqüente) afirmação unidimensional do beco sem saída acabaram reavivando os ânimos locais da crítica à civilização, abrindo enfim caminho ao "humor cínico dos desconstrucionistas"²¹. Envolto numa embalagem pós-estruturalista, deu-se então uma estranha repatriação de Nietzsche e Heidegger, este último, acrescenta Habermas, aparentemente desnazificado graças à recepção francesa, e por esta via, americana, descontextualizada. Ao ser reexportada, a aclimação francesa da crítica heideggeriana da racionalidade ocidental acabou exumando a síndrome alemã jovem-conservadora, que muitos julgavam sepultada. Na observação insuspeita de um discípulo de H.-G. Gadamer: abrindo-se finalmente à dimensão internacional das idéias francesas, acolhidas como uma tábua de salvação, a jovem *intelligentsia* alemã simplesmente reatava com uma forte tradição local eclipsada depois do apocalipse do Terceiro Reich²².

E vice-versa. Não deixa de ter sua graça observar que o atual refluxo da Ideologia Francesa — considerações acerca de continuidades sociais por enquanto à parte — se deve em razoável medida à vulnerabilidade crescente a uma objeção que vinha ganhando terreno no campo alemão adverso e suas adjacências anglo-americanas, até alcançar os epígonos franceses em alta nos dias de hoje. O argumento opunha à *surenchère* francesa da crítica da ideologia, tão radicalmente abrangente a ponto de pulverizar a própria noção de Crítica, o seu caráter autodestrutivo: para se sustentar o desmoronamento de todos os critérios de avaliação não se pode dispensar os serviços de ao menos uma instância normativa ainda intacta. Não sei de melhor exemplo dessa emigração para a outra margem do Reno da disputa alemã em torno dos pressupostos e conseqüências da *Aufklärung* do que a derradeira metamorfose de Foucault, ela mesma o mais veemente atestado do cunho internacional da inflação da sensibilidade de que estamos falando, pois é bem provável que Foucault tenha sabido da referida objeção pelos seus amigos da Califórnia. Assim, em sua última guinada, em lugar de um novo capítulo da história ocidental da "sujeição", *Aufklärung* às avessas em cuja esteira se desdobrava o processo moderno de individuação-subjetivação, Foucault enveredou por uma meditação de tonalidade moral sobre as técnicas greco-romanas da vida justa. Restituição do Sujeito a si mesmo? Ainda não. A estilística da existência que passara a cultivar pendia muito menos para a universalidade dos imperativos modernos do que para a deriva de um decisionismo estetizante²³ — última sobra do "limbo feliz da não-identidade" pelo qual suspiraram duas décadas de fraseologia francesa da Transgressão. Uma solução de compromisso na qual não obstante ecoava o mencionado paradoxo normativo. Se não for mera volubilidade, dissentir em nome do quê? Serão mesmo "lógicas" todas essas revoltas? Por uma questão de princípio não se poderia professar ao mesmo tempo um perspectivismo radical, exigido pelo culto da Diferença, e engajar-se na trilha gauchista da secessão. Bendita incoerência do anti-humanismo a serviço da contestação. E assim por diante.

Esse o nó (teuto-americano) do relativismo a cuja tardia evidência começaram a se render em parte os intelectuais franceses de vanguarda. Muito a propósito, mas não creio que de caso pensado, Derrida forjou uma categoria própria para

(21) Cf. entrevista de Habermas à *New Left Review* (maio/junho de 1985), cuja resposta acerca da progressão crescente do pós-estruturalismo na Alemanha parafraseio um pouco livremente — tradução brasileira *Novos Estudos CEBRAP*, nº 18, 1987, p. 83.

(22) Trata-se de Manfred Frank — não por acaso autor de um *Was ist Neostrukturalismus?*, Frankfurt a.M., Suhrkamp, 1983 — em artigo citado por J. Habermas, *Martin Heidegger — l'Oeuvre et l'Engagement*, Paris, Cerf, 1988, pp. 17-18.

(23) Cf. Richard Wollin, "Foucault's Aesthetic Decisionism", *Telos*, nº 67, 1986.

batizar e estilizar essa dificuldade: o *barroco*, cuja voga ao longo dos anos 80 se conhece, inclusive como senha francesa do pós-moderno. Uma objeção de dois gumes, sobre a qual paira igualmente a ameaça do disparate: nesse mesmo diapasão se negará ao dissidente da modernização o direito de acender a luz ou tomar antibióticos. Enquanto isso, os novos amigos franceses da Idéia Prática de Humanidade passarão a denunciar o nominalismo em que se resolve o confronto dos veteranos com a ordem estabelecida, subordinando a pertinência da crítica à universalidade do critério, por sua vez responsável pela hierarquização dos valores — e por aí afora. Em contrapartida, é sempre bom repisar que nem mesmo *in extremis* — distante até a última hora, como exigiria Montaigne de quem escreve — Foucault cedeu ao angelismo da nova geração. Desde o momento em que venceu a tentação naturalista da *doxa* gauchista — "sous le pavé la plage" — nunca deixou de escarnecer, como manda o figurino de vanguarda, da utopia dos corações transparentes ou dos atos de fala, enfim de todas as maneiras de escamotear o caráter "violento, sangrento e mortal" da realidade, "reduzindo-a à forma apaziguadora e platônica da linguagem e do diálogo".

Seja como for, enganando-se ou não a respeito de si mesmo, o fato é que um projeto intelectual coletivo de reconstrução do Materialismo Histórico, na base é verdade de uma mudança de "paradigma" em função de novas evidências sociológicas, como é o caso da Teoria Crítica depois do "linguistic turn", acabou sancionando numa direção diametralmente oposta à do marxismo ocidental, de cujas intenções de fundo aquele último exemplar da Teoria alemã pelo menos declara não pretender abrir mão, a mais recente transformação da filosofia francesa, finalmente reconciliada com o Ocidente, a Modernidade e Cia., que de Sartre a Foucault todos pelo menos concordavam em repudiar. Só mesmo à desconsolada ótica de um Perry Anderson, inconformado com a suposta primazia conferida pela nova Teoria Crítica às funções comunicativas em detrimento das produtivas na definição do desenvolvimento histórico, ocorreria o seguinte amálgama, no mínimo pitoresco. Ao contrário do sugerido acima, o inesperado recobrimento franco-alemão (em sã consciência, ninguém imaginaria na plataforma da nova geração, no lugar de mais uma pirueta da Ideologia Francesa, os ideais austeros do Iluminismo alemão), pelo menos de direito já era visível na década anterior, está claro que na forma do contraponto entre pólos antagônicos, mas sobre o fundo comum de um "linguistic turn" internacional que descartava, por exemplo, as teorias "representativas" da verdade, ao mesmo tempo em que conferia poderes demiúrgicos à linguagem, "arquiteto e árbitro final de toda sociabilidade". Daí a gangorra escarnecida por Perry Anderson: o que do lado francês era "equivoco, obscuro e maldito", aparecia "translúcido e redimido" do lado alemão; enquanto em Paris a linguagem demonizada "bombardeava o sentido, devastava a verdade, atacava pelos flancos a ética e a política, exterminava a história", na Alemanha encarregava-se o mesmo protagonista impalpável de "restaurar a ordem histórica, prover o bálsamo do consenso para a sociedade, assegurar os fundamentos da moralidade, fortalecer os elementos da democracia", sendo enfim congenitamente avessa a se desviar da verdade, horizonte antecipado de cada ato de fala. Provocações à parte no despropósito dessa liga tão disparatada, não há dúvida de que na batida alemã do pêndulo se encontra o breviário da nova geração francesa.

Num circuito assim disposto, compreende-se que o último *rebondissement* do caso Heidegger tenha se tornado sobretudo um pesadelo, além de capítulo se não conclusivo ao menos decisivo, para a Ideologia Francesa. Duas palavras a respeito nos levarão a uma outra pista, por onde também correm os nossos ideólo-

gos. — Afinal como foi possível ao responsável pela mais consistente sublimação especulativa da "revolução conservadora" alemã tornar-se velada ou ostensivamente o grande norte filosofante do gauchismo pós-68? Rebocado e caído, um Heidegger pensador de esquerda? O último ideólogo alemão, primeiro ideólogo francês?

Se investigássemos a árvore genealógica traçada pela própria tradição liberal-conservadora francesa de Tocqueville a Raymond Aron, passando por Taine e Barrès, veríamos a preponderância atual do mais eminente "jovem-conservador" assegurada nada mais nada menos do que pelo magistério espiritual dos seus arqui-inimigos, "les gens de lettres", cujo processo, na pessoa dos *philosophes* setecentistas, por crime de "Política abstrata e literária", Tocqueville principiou num capítulo famoso de *O Antigo Regime e a Revolução*. Interessa aqui o destino de dois traços fisionômicos destacados por Tocqueville, enfaticamente sublinhados depois pela referida tradição. O primeiro deles concerne à metamorfose da sensibilidade polifacética do intelectual no horizonte raso do *homo ideologicus*, confinado ao gesto monocórdio da interpretação de mão única. Um paradoxo para a esquerda, ponto pacífico para a opinião liberal-conservadora, em guerra permanente com a classe discutidora. O segundo reflete peculiaridades da carreira do homem de letras no Antigo Regime, uma consagração pública tanto mais notável quanto marcada por um alheamento crescente desta mesma ordem do mundo que lhe ratificava a ascendência, um distanciamento *grand seigneur* exercido por plebeus graças ao *persiflage* metódico dos usos e costumes congelados pelo espírito desabusado de quem se afasta do mais familiar afetando encarnar a surpresa irônica de um persa ou de um iroquês. Retrospectivamente, uma Grande Recusa *avant la lettre*. Uma insensibilidade às reformas características do imperativo do mandarim alemão, *nicht mitmachen* — em suma, algo no rumo da idiosincrasia intelectual que mais exaspera a reação conservadora de ontem e de hoje.

Pois uma certa revisão das várias fases da evolução de conjunto da ideologia Francesa, auxiliada pelas mesmas aversões, acabou esbarrando em prolongamentos modernos daquelas tendências de fundo. Veja-se a explicação de François Furet para o Estruturalismo dos intelectuais franceses, imaginada ainda nos idos de 60 por um dissidente que esperava ver suceder à bancarrota da Fenomenologia, Marxismo e demais filosofias concretas — ideologias na acepção positivista do termo — enfim o reinado de Raymond Aron e dos herdeiros de Hume. Diante da expectativa frustrada, Furet acabou remontando ao tradicional magistério de opinião monopolizado pelos letrados franceses para poder colocar no seu verdadeiro foco uma flagrante anomalia: sendo o Estruturalismo movido por uma ambição de inteligibilidade global e sistemática equivalente ao velho sonho totalizante das finadas ideologias, assistia-se na França modernizante da Quinta República a um espetáculo insólito, o suposto fim da Era das Ideologias encontrava ali os seus mais veementes doutrinários²⁴.

Ora, vai na mesma direção da atração exercida pelo Estruturalismo sobre os meios intelectuais parisienses nos primórdios da Ideologia Francesa, o heideggerianismo gauchista da etapa subsequente. Ao pensamento de sobrevôo do mestrepensador sobrepõe-se agora, exacerbado pelo refluxo das grandes "teorias" da década anterior, um novo *pathos* da distância. Sabe-se que a aversão pela flutuação irresponsável do intelectual, transformada por Mannheim e Schumpeter em argumentos sociológicos clássicos, passou a repercutir com ênfase redobrada na atual campanha neoconservadora contra a "cultura antagônica", "hostil", "irônica" etc, encarnada por uma pretensa nova classe intelectual, acaparadora do "sen-

(24) Cf. François Furet, "Les Intellectuels Français et le Structuralisme", in *L'Atelier de l'Histoire*, Paris, Flammarion, 1982.

tido" e sua interpretação como seus ancestrais franceses. A alegada má vontade da nova classe envolve justamente o supremo *dégagement* dos *highbrow* em face do claro-escuro da modernização social, mencionado páginas atrás e que agora voltamos a encontrar em sua terra natal no momento em que a reversão dos anos 80 passou a dar novo curso aos ataques neoconservadores à cultura dita antagônica. Existem sem dúvida uniformidades, regularidades instituídas e partilhadas indispensáveis à existência, da comunidade linguística de compreensão às regras elementares de convívio político, mas nada disso terá acesso, enquanto tal, ao dissenso íntimo que caracteriza a vida do espírito, sempre inconformado o primeiro e desabusada a segunda. Manter portanto à mais intransponível distância tudo o que dê a impressão de funcionar um pouco consensualmente demais, que favoreça identificações espontâneas. Tal é o alheamento de elite característico do intelectual pós-estruturalista, segundo os seus atuais contendores franceses²⁵.

Como se vê, uma imagem compósita, embora historicamente construída. Não é difícil reconhecer nela elementos herdados dos *philosophes*, cuja urbanidade de princípio mal disfarçava a mais completa indiferença pelo destino supostamente comum. Traços fisionômicos familiares aos quais vieram se juntar fantasias neoconservadoras quanto aos malfeitos e desmandos da cultura do contra. Mesmo alguém simpático à filosofia continental como Richard Rorty, a ponto de apostar no lado *high talk* dela para o soerguimento da crítica cultural *highbrow*, acaba se impacientando com a sistemática desqualificação de origem gauchista das formas de entendimento, nelas incluídas até mesmo as puramente pragmáticas, não-fundacionistas etc. Enerva-o antes de tudo certos efeitos do vanguardismo da Ideologia Francesa, que por definição autorizaria seus principais representantes a desinteressar-se das questões miúdas de engenharia social, na prática uma espécie de brevet de isenção de serviço social. Quanto à consternação de um pacato apóstolo alemão da Hermenêutica, como a do já citado estudioso do pós-estruturalismo Manfred Frank, diante da lastimável implicância francesa até mesmo com o "consenso sem dominação", que em princípio despontaria no horizonte da sociabilidade moderna, surpreende bem menos do que o fato de não atinar com os laços de família que parecem vinculá-la ao clima de opinião jovem-conservador. Aqui a porta de entrada para o heideggerianismo pós-estruturalista.

Para concluir a peripécia, basta referir o argumento panorâmico dos principais advogados do Pensamento 80. Admitido que o intelectual (de corte francês evidentemente) é o porta-voz natural do "ressentimento que a positividade das leis e dos fatos não pode deixar de provocar em cada um de nós"; que essa paixão triste assume a forma achatada da Grande Recusa inaugurada pelos *philosophes*, sendo o marxismo, hoje extinto na França, a última manifestação dela; e que a força reativa do intelectual deriva da posição de "exterioridade radical" em que se coloca diante da positividade da sua época, concentrada hoje no universo democrático; verificou-se que, com a falência do gauchismo realmente existente e permanecendo tabu a referência à irrecuperável platitude da dita positividade, coube ao heideggerianismo, em particular à assim chamada superação metafísica, por ele enfaticamente alegada, tanto da civilização americana quanto da soviética, salvar o essencial, a saber, a figura do intelectual enquanto contraditor irredutível do mundo constituído — pelo menos é esta a pose²⁶. Completava-se assim a aberrante transplantação gauchista de Heidegger, não propriamente expurgado de uma dimensão que afinal estava entranhada nas menores células temáticas do filósofo, mas vendo transfigurada na prosa inflada do irreconciliável a mencionada "exterioridade radical à positividade democrática contemporânea", que na Alemanha,

(25) Cf. Jacques Bouveresse, *Rationalité et Cynisme*, ed.cit., p. 132.

(26) Parafraseei em parte Luc Ferry e Alain Renaut, *Heidegger e os Modernos*, Lisboa, Teorema, 1989. Cf. dos mesmos autores, *La Pensée* 68, Paris, Gallimard, 1985.

situada em *porte-à-faux* na ordem burguesa, sempre fora um dado real do processo. Sirva contudo de contrapeso uma observação de Habermas, insuspeito de complacência a este respeito: caso a sempre invocada Modernidade nada mais tenha a oferecer do que a ladainha apologética dos neo-iluministas, compreende-se que a última geração intelectual "prefira voltar a Nietzsche, passando por Derrida e Heidegger, e procure sua redenção em estados de alma carregados de significação, prometidos, no caso, por um movimento jovem-conservador autêntico, restaurado sob forma de culto e ainda não desfigurado por qualquer compromisso".

Pode-se dizer que os ideólogos franceses aplicaram-se nas demonstrações de "endurance devant l'Indicible", a ponto de se tornarem especialistas exímios na procura da marginalidade heróica, na encenação de complôs urdidos pelos bem aquinhoados da ratio moderna, na identificação em efígie com minorias sociais, párias da vida intelectual, enfim especializaram-se no fomento de tudo que pudessem reforçar uma bem-sucedida estratégia de "vitimização", como sublinham seus atuais adversários²⁷. Em contrapartida, o real declínio dos mandarins alemães dispensava pelo menos essa *mise-en-scène*. Laminados entre a acomodação dos modernistas, desmoralizada pela crise do entre-guerras, e a impossível restauração dos ortodoxos, os autodenominados "autênticos", congregados, segundo a melhor tradição alemã, em círculos de intelectuais antiintelectuais, encontravam-se de fato à margem, tanto do bloco dirigente de aristocratas e burocratas, quanto do arrivismo empreendedor dos novos beneficiários da ocidentalização do país. Combinando devaneios arcaizantes e demonização da técnica e da sociedade de massas, podiam com a maior naturalidade reencarnar no século XX o ressentimento alemão de nascença. No limite, dois casos de sobrevivência ideológica. No capítulo conclusivo da Ideologia Alemã, ressoa em sua intensidade máxima a síndrome jovem-conservadora, repercutem, no vazio de alusões aos arcanos de uma origem primordial, os *poncifs* agora desdentados da crítica alemã da civilização moderna, em jargão, um pensar-rememorativo de costas para a consumação metafísico-niilista da dominação européia do mundo. Ora, no caso francês, a situação-limite irrepresentável tornou-se com o tempo mera invocação ritual de uma ruptura vanguardista hoje extinta. Isso por certo não é tudo, se quisermos focalizar mais de perto o diagnóstico de Habermas e colaboradores. Segundo eles se deve entender o pós-estruturalismo como uma resposta de feitiço jovem-conservador à nova "intransparência" moderna, e isto na exata medida em que a Ideologia Francesa ela própria nada mais é do que uma vasta recapitulação "teórica" (na acepção americana do termo) do conteúdo de experiência da modernidade estética. Daí a pirueta mortal que a aproxima daquele capítulo alemão. Ancorados na atitude estética básica dos tempos modernos, como Habermas não cessa de lembrar, explorando as revelações expressivas de uma subjetividade descentrada, emancipada dos imperativos da utilidade, os ideólogos franceses evadem-se do mundo moderno em nome de um antimodernismo sem volta.

Deixando de lado as várias acepções de Moderno, Modernidade, Modernismo etc, em jogo na tipologia habermasiana dos desencontros entre processo global de modernização, desempenho capitalista e antagonismo cultural, variando de resto o Modernismo da modernolatria integrista (à maneira de Marinetti) ao desvio dessublimador das vanguardas mais intransigentes, não se poderia deixar de assinalar pelo menos duas circunstâncias no âmbito mais geral dessas analogias franco-alemãs. Viria então ao caso lembrar um dos vínculos definidores da vanguarda artística do período heróico, justamente a relação polêmica e ambivalente com as formas arcaicas da experiência, abafadas pela normalização pro-

(27) Indícios inventariados mas não explicados pelos mesmos Luc Ferry e Alain Renaut, *La Pensée* 68, ed. cit., pp. 38, 39, 40.

movida pela cultura burguesa em seu apogeu, primitivismo a um tempo pós-burguês e regressivo, cujo choque detonador os franceses — dos cubistas aos surrealistas — foram os primeiros a elaborar e trazer para a linha de frente da bancarrota cultural do capitalismo, primazia devida inclusive ao fato de ainda ser muito frouxa na França a civilização do Capital, se comparada, por exemplo, à sua marcha sem tropeços no Novo Mundo anglo-saxônico. Isso posto, não era sem uma forte componente de construção acordada que a vanguarda francesa explorava aquele subsolo socialmente adormecido fazia tempo. O que valia ainda para Breton, tentando ganhar para o renascimento de uma outra sociabilidade as forças do êxtase, como se disse certa vez, se apresentaria como artifício redobrado quando mais tarde Foucault tentou reeditar a coreografia da Transgressão, colocando-se na escola dos ratardatários Bataille e Blanchot. Ora, no país por excelência da "não-contemporaneidade" — como Ernst Bloch costumava definir nos anos 30 a Alemanha autocrática e burguesa, camponesa e inteiramente industrializada, e por isso mesmo colhida como uma fruta madura pelo nazismo — pode-se dizer que o desrescalque capitalista, promovido pela autocritica da cultura moderna, transcorreu com uma certa naturalidade, de sorte que a demolição expressionista da empatia clássica, por exemplo, embora formalizasse resultados gerais, podia estilizar de saída traumas locais — e assim por diante. Daí a quase evidência da demagogia anticapitalista dos jovens-conservadores, hoje bem menos visível na sublimação heideggeriana do desenvolvimento desigual, resumido num conjunto de efeitos estilísticos que sugerem profundidade gerada nos confins dos tempos, em nome de cuja vagueza incontornável e sem fundo se objeta ao curso filistino do mundo moderno. Tirante a cor local, reconheçamos o próprio diagrama do Sublime requentado pelos derradeiros epígonos franceses das vanguardas históricas. Valha então como arremate a seguinte retificação terminológica, que também é de fundo, como já vimos a propósito da travessia atlântica da Ideologia Francesa. Ainda pouco à vontade na identificação do "pós-moderno", como observado, síndrome de foco americano e teoria francesa, os atuais coveiros franceses do pós-estruturalismo costumam enumerar valores ou preferências negativas que lhe confirmariam a vocação pós-moderna para a dissipação de um acervo insubstituível: a disseminação, a margem, o indeterminável, o indecível, o incontrolável, o imprevisível, a dissolução, a diferenciação, a perda, a paralogia, o frívolo, a contrafação, o simulacro, o irrefletido, o retórico, o menor, o paródico, o incomensurável, o barroco, a desregulação, o ponto fixo em fuga etc. — para não mencionar os temas mais batidos da fase anterior do jargão, como desejo, escritura, repetição, espaçamento etc. A menos que também se convencie chamar pós-moderno a flagrante tenuidade desse repertório, se cotejado com o elenco de profanações sonhadas pelo homem *souverain* de Bataille, para ficarmos com um antecessor mais próximo, ainda estamos diante de relíquias do vanguardismo moderno, por certo nascidas caducas, como toda transgressão planejada em comitês de redação.

5

O confronto americano entre pós-estruturalistas e pós-frankfurtianos ainda reservaria novas revelações para o observador interessado na identificação da Ideologia Francesa. Um desses arranjos, à revelia das respectivas tradições, pelo menos à primeira vista parece frisar o mais acabado contra-senso. Nas palavras quase

inocentes de um eminente especialista americano na Escola de Frankfurt, "the parallels between Critical Theory and post-structuralism have now become widely remarked"²⁸. É possível que o novo lugar-comum tenha se firmado na virada dos anos 70 para os 80, à medida que se tornava cada vez mais flagrante a distância que separava Habermas e colaboradores dos pais fundadores Horkheimer e Adorno. Deu-se então o disparate, fazer correr pela mesma pista a Microfísica do Poder e a Desconstrução, de um lado, e a terceira fase da Escola de Frankfurt, inaugurada nos anos 40 pela Crítica da Razão Instrumental, do outro. O (falso) reconhecimento mútuo da New French Theory e da Velha Teoria Crítica Alemã deveu-se sobretudo ao fervor dos adeptos anglo-americanos da primeira, interessados igualmente em rejuvenescer a segunda para melhor contrapô-la à índole construtiva dos habermasianos. Do lado francês o destempero é mais compreensível, além de recorrente, não só devido ao veleitarismo local mas ao quase completo desconhecimento do parceiro em questão. Compreende-se, por exemplo, que o lado jovem-conservador de Benjamin tenha sido o primeiro e único a alimentar a voga atual. Logo chegará a vez da "ciência melancólica" de Adorno: a construção paratática da Dialética Negativa, dá para prever, não tardará a ser amalgamada à deriva retórica da desconstrução. E por aí afora, pelo menos enquanto não se extinguir inteiramente a Ideologia Francesa. Para arrematar o curso sinuoso de suas alianças, basta referir novamente a profissão de fé que conclui a última intervenção de Foucault, a aula de 1983 no Collège de France acerca da resposta kantiana à pergunta pela verdade e atualidade da *Aufklärung*. Depois de abordar um tema jamais nomeado em toda a sua obra, a Modernidade — cujo significado exato não fazia muito declarar desconhecer —, Foucault encerrava a exposição apresentando sua nova árvore genealógica, "uma forma de filosofia que, de Hegel à Escola de Frankfurt, passando por Nietzsche e Max Weber, fundou uma forma de reflexão dentro da qual tentei trabalhar". Mais uma *boutade*? Note-se que há algum método nos laços de união da família meio amalucada reunida por Foucault. Sem falar do patrocínio óbvio de Nietzsche, não custa lembrar a *Aufklärung* reticente de Hegel (represada *in extremis* pela edificação extemporânea de um Estado-ético), acrescida da "racionalização" weberiana, entalada entre o eclipse concomitante do sentido e da liberdade, como lembrou recentemente Habermas, por um lado, e o descontrole decisionista solicitado pelo novo politeísmo dos valores, do outro; completariam o álbum de família os ilustres desconhecidos Horkheimer e Adorno, pomos da fictícia concórdia em questão, cuja sempre alegada "resignação", porém materialista, de fato casaria mal com o desenvolto e aparentemente injustificável ativismo do militante antimoderno Michel Foucault.

Pois esta última associação, tão incongruente quanto sedutora, já deveria mesmo estar correndo o mundo teuto-americano, a ponto de obrigar o próprio Habermas a reler a *Dialética da Aufklärung* também no intuito de prevenir a crescente confusão entre o *mood* nietzschiano pós-estruturalista e a convivência paradoxal, a seu ver sem futuro, naquela obra clássica, entre a descrição da irreversível autodestruição da força emancipatória na origem do processo histórico de "esclarecimento" e a fidelidade dos dois autores ao modelo hegeliano da negação determinada, embora confinado ao momento *ad hoc* da Crítica. Tudo isso não obstante, querendo salientar como a teoria foucaultiana do eterno retorno do poder apaga "as últimas centelhas de utopia e de confiança da cultura ocidental em si mesma", Habermas acaba reconhecendo que de fato Foucault simplesmente radicaliza a crítica de Horkheimer e Adorno à Razão Instrumental. Por outro lado, corroborando em parte a opinião dos que assimilam a Microfísica do Poder às aná-

(28) Martin Jay, *Marxism and Totality — The Adventures of a Concept from Lukács to Habermas*, University of California Press, Berkeley, 1984, p. 526, nº 56.

lises frankfurtianas da sociedade totalmente administrada, esquecendo-se todavia que as minuciosas análises históricas de Foucault acerca das técnicas polimorfas de sujeição referem-se quando muito ao limiar da transição para o mundo moderno. Habermas estende-as sem maiores ressalvas às contradições entre meios e fins que levaram o Welfare State à sua crise atual, quando até poderia ser o caso de se perguntar se não foi o caminho inverso, a experiência direta das patologias inerentes à juridificação e burocratização das políticas sociais do capitalismo avançado, acrescida de algumas leituras *en cachette* de Max Weber e dos funcionalistas americanos, que teriam inspirado a redescoberta foucaultiana dos nexos sistêmicos entre saber e poder, circunstância camuflada pelo fato de fazer retroagir os esquemas explicativos dela para a crise do Antigo Regime e a consolidação da nova ordem burguesa. Quanto ao século XX, como se há de recordar, nenhuma palavra, salvo os discursos de apoio aos Novos Movimentos Sociais, onde é vago o aparato conceitual, tirante as declarações de praxe acerca do declínio do Universal.

Aqui um outro contencioso, em lugar da inconvincente convergência evocada até agora. Boa parte da Ideologia Francesa pós-68 girou em torno dos mencionados e assim chamados Novos Movimentos Sociais e em função deles remodelou a imagem da Revolução, dos Intelectuais, das relações entre Teoria e Prática etc., e mais, conforme definha o impulso globalizante do gauchismo original, delineava-se o horizonte mais *modesto* (outra palavra-chave do período, modulando discursos e intervenções da Epistemologia à Arquitetura) de um "reformismo radical" em permanente litígio com a afluência desregulada do capitalismo avançado porém deslegitimado. Sem querer arbitrar bisonhamente a querela de precedências, convenhamos que os franceses foram os primeiros a elevar esse novo elenco de manifestações ao plano da fraseologia teórica. Mudando de "paradigma", como alegam, os alemães da promoção Habermas passaram a enfrentar, por sua vez, essas mesmas manifestações, por muitos deles qualificadas de "surrealistas", em termos do contraponto entre *Lebenswelt* (reanimado então por ecologistas, pacifistas, feministas, negros etc.) e racionalidade sistêmica. Terminologia à parte e observadas as transformações da vanguarda francesa nos anos 80, aqui sim seria o caso de recensear um bom número de entrecruzamentos característicos dos novos tempos.

De qualquer modo, pelo menos no plano das declarações de princípio, Habermas sempre foi taxativo diante do contra-senso atualmente em voga. Em nenhum momento as aporias em que se meteu o Adorno da última fase sopraram na direção da negação indeterminada cultivada pelos pós-estruturalistas e sua correspondente invocação encantatória do inteiramente Outro; nenhum traço jovem-conservador em suas decifrações da vida mutilada que o aproxime da renúncia argumentativa da desconstrução francesa, compensada esta última, é verdade, pelo alinhamento com as minorias, os marginalizados, ao qual sempre se juntou um certo pendor para a exploração estetizante de novas formas de vida.

O equívoco vai se tornando mais instrutivo à medida que vem à baila a já mencionada matriz estética da Ideologia Francesa. Trata-se de uma vasta fraseologia gerada pela exportação sistemática e indiscriminada de procedimentos consagrados pela tradição das vanguardas artísticas para os mais diversos domínios, da Filosofia à Política, passando pela Ciência e esferas afins. Como dispomos agora de um terreno comum, a saber, a irrupção, cristalização e anemia final do modernismo estético, saltam mais significativamente à vista as meias-razões que sugerem a aproximação de posições diametralmente opostas. Se fosse o caso, mas ainda não é no âmbito preliminar desta Introdução, entre tantos outros paralelismos

arrevesados, de chamar a atenção para a incongruência que consiste em afirmar que Derrida e Adorno não só partilham uma mesma concepção da arte de vanguarda, mas pertencem ao ramal "Breton, Artaud, Barthes" (*sic*), bastaria comparar as respectivas linhas evolutivas da arte moderna européia na França e na Alemanha, e nesta última, a simbiose muito específica entre a arte avançada e a teoria estética marxista no entre-guerras, uma incorporação constitutiva de origem (Adorno e Benjamin foram mais do que apenas os principais teóricos de Schönberg e Brecht, respectivamente), ao contrário da glosa filosofante tardia dos franceses, quando já não havia tempo para mais nada, simplesmente passara a temporada modernista. Fica sem dúvida o mínimo, a constatação de que de um lado e de outro o foco dinâmico da teoria é a recapitulação da experiência estética moderna. Recorde-se, por exemplo, um dos efeitos do Estruturalismo sobre o discurso filosófico francês dos 60. A substituição das "ingênuas" *descrições* fenomenológicas dos dados imediatos da experiência perceptiva pelas *desconstruções*, que não traduziam apenas a *Destruktion* heideggeriana das categorias tradicionais da Metafísica, mas sobretudo os expedientes técnicos dos linguistas, e depois etnólogos, historiadores, psicanalistas etc, na análise das "construções" de uma frase — mas estavam lançadas as bases da Retórica desconstrucionista do Discurso Filosófico, nos moldes portanto das novas poéticas estruturalistas²⁹. Seria então oportuno incluir nesse roteiro derridiano, mais do que o comentário explicativo, aliás inexistente, o peso da reiteração amplificada do Teatro da Crueldade em Artaud, a Economia Geral de Bataille etc. — em suma, lembrar que a Ideologia Francesa engordou de tanto requeutar a marmita vanguardista de epígonos e retardatários.

Pode-se dizer que a Ideologia Francesa se confunde em razoável medida com uma espécie de reconstituição igualmente mitológica de um romance familiar sobre a origem da vanguarda modernista, cujo marco zero leva obviamente o nome de Mallarmé e se estende até os derradeiros espasmos formalistas dos últimos representantes do finado Nouveau Roman. Uma história sem dúvida apenas francesa e predominantemente literária, decantação inteiramente retrospectiva e tributária de um notável desencontro. Enquanto se sucediam na França e alhures as vanguardas históricas, a reflexão dita teórica continuava atrelada à rotina universitária, alheada da cultura viva; quando, com os existencialistas, renovou-se forma e fundo da supracitada reflexão, o equívoco do "engajamento" repudiou, por exemplo, o que ainda sobrevivia do Surrealismo; paradoxalmente, Sartre, como se há de recordar, jamais revogou a condenação daquela última investida contra a existência em separado da dimensão estética, enfiando no mesmo saco da negação abstrata os antiobjetos de Duchamp e as bravatas de Breton, incluídos no rol das manifestações do consumo improdutivo dos intelectuais. Rompendo enfim com o ideário histórico-transcendental dos fenomenólogos e demais amigos do vivido e do concreto, os ideólogos franceses voltaram-se finalmente para o programa das vanguardas mas quando o seu horizonte já se fechara fazia tempo. Por isso mesmo, nada poderia ser mais instrutivo do que a comparação entre essa apoteose sem atmosfera — daí a ênfase superlativa que a distingue — e o sóbrio balanço adorniano do envelhecimento do moderno, tanto mais revelador por resultar de uma "teoria estética" de mesmo andamento temático-conceitual que o processo de desestetização da arte por ela refletido desde o seu nascedouro. Isso para não falar no peculiar antivanguardismo de Adorno, mais do que a aversão que podemos imaginar, também um ponto de vista sobre o rescaldo surrealista do pós-estruturalismo, por assim dizer armado *avant la lettre*.

(29) Cf. Vincent Descombes, *Le Même et l'Autre*, Paris, Minuit, 1979, pp. 96-98.

Assim sendo, o que acaba comprometendo pela raiz a bizarra tentativa do habermasiano heterodoxo Axel Honneth de aproximar a teoria foucaultiana do poder da filosofia negativa adorniana, é justamente o seu nó mais interessante, a lembrança do fundo de experiência estética subjacente tanto na referência de Horkheimer e Adorno ao "destino do corpo" que obscura porém decisivamente atravessa a "história oculta da Europa", quanto na sua retomada por Foucault. Salvo engano, uma vez concedido que em ambos o foco da reconstrução teórica da experiência moderna é o seu momento estético mais expressivo — a ruptura encarnada pelos vários modernismos artísticos —, não há mesmo termo de comparação entre a memória negativa da alienação a que se reduz, para Adorno, a arte moderna no seu processo de autonomização, e a quase celebração estetizante desse mesmo processo de ossificação na correspondente tradução "teórica" francesa da vanguarda pós-surrealista.

6

Nesse rumo comparativo fora de esquadro, ditado porém pelas idas e vindas desses entrecruzamentos internacionais, não admira que o passo subsequente tenha sido a assimilação da Ideologia Francesa, notadamente na sua configuração pós-estruturalista, ao molde alemão da Dialética da *Aufklärung*, tanto ao quadro propriamente dito do mal superior alemão, quanto aos esquemas expositivos do clássico de Adorno e Horkheimer. Do lado francês, representado pelos atuais adversários do ideário por eles mesmos batizado de Pensamento 68, bem como do lado alemão (ortodoxos e dissidentes da Nova Teoria Crítica e da Nova Hermenêutica), variam, está claro, os respectivos alinhamentos. Sem entrar por enquanto no pormenor, é certo que à imaginação do observador decidido a atinar com a verdadeira índole da Ideologia Francesa acabam falando tão ou mais alto as evoluções de tal coreografia.

Abreviadamente, comecemos pelos alemães, sempre no plano provisório dos diagnósticos gerais. Mesmo fazendo ressalvas, Habermas é direto: na figura do seu principal representante, Michel Foucault, não há nem pode haver "dialética" na crítica totalizante da razão, a que acabou se reduzindo, seja dito de passagem, a Ideologia Francesa no atual achatamento internacional em torno da disputa Racionalidade *versus* Irracionalismo. Mais exatamente, Foucault tenderia a anular a ambivalente complexidade "dilemática" do processo moderno de racionalização social, a ponto de convertê-lo numa história linear; ou melhor, como em princípio a marcha bifronte da modernidade seria impermeável às categorias das filosofias do Sujeito, das quais Foucault ainda permaneceria prisioneiro malgrado as declarações em contrário, nada mais lhe restaria do que a permanente denúncia da "inversão irônica" de toda e qualquer perspectiva de dessublimação emancipatória. Mas nesse ininterrupto além de auto-referente *renversement du pour au contre* não residiria justamente a "dialética", privada, é claro, do seu momento afirmativo? Entrevendo a brecha, Habermas passou a louvar a "magistral descrição da bifurcação da razão", a que se resumiriam no seu todo as análises históricas de Foucault, cuja réplica entretanto, como era de se esperar, depois de repudiá-la a chantagem inibidora de qualquer história contingente da razão, como se fosse impossível uma crítica racional da racionalidade, substitui o ponto nodal,

e virtualmente normativo, da interversão por uma bifurcação sem fim, por uma ramificação interminável.

Quanto ao já mencionado Axel Honneth, parece não ter dúvida de que é precisamente essa proliferação que aparenta, por exemplo, *Surveiller et Punir* aos fragmentos filosóficos que compõem a *Dialektik der Aufklärung*, estendendo inclusive ao segundo livro as aporias do primeiro. Como as duas teorias, carregando nas tintas sombrias das Luzes, são cegas para o avesso luminoso do mundo totalmente desencantado, no limite não haveria "dialética" nem mesmo em Adorno/Horkheimer. Excesso de zelo iluminista que seu patrono Habermas por certo não subscreveria, como se pode depreender do referido há pouco. Na verdade a sombra de Adorno, enquanto teórico da autodestruição do esclarecimento, paira sobre uma flagrante contrafação. "Les lumières abusent les masses", como proclamou certa vez um jovem ideólogo francês: escusado assinalar que esta enormidade não tem absolutamente nada a ver com a apresentação, no livro de Adorno e Horkheimer, da *Aufklärung* em seu estado terminal como um "engodo de massa". Neste caso, as "luzes" que ofuscam as massas são irradiadas pela dessublimação repressiva da cultura produzida em escala industrial; ao passo que no outro, se trata pura e simplesmente da aclimação francesa de um clichê neoconservador internacional, segundo o qual crítica em excesso, coisa de intelectual candidato a *maître penseur*, redundando em Estado policial. A inexistente Dialética Francesa do Iluminismo seria essa fantasmagoria de intelectual às avessas acerca do vínculo necessário entre Terror e ponto de vista da Totalidade.

Para os atuais defensores franceses da Modernidade redescoberta — em boa parte na esteira dos seus doutrinários alemães e nas condições em que se viu espalhar a nova sensibilidade jurídico-moral dos anos 80 —, a referida aproximação não vem ao caso, por razões de interpretação mas antes de tudo para fins ostensivamente apologéticos. Assim procedem Luc Ferry e Alain Renaut, salvo engano os únicos a encararem tal possibilidade, mas para descartá-la como um falso alibi. Depois de batizarem, como já mencionado, Pensamento 68 a Ideologia Francesa, reconhecem que o anti-humanismo, transformado em ponto de honra pela inteligência francesa de vanguarda, pode de fato se escorar no inegável desmoronamento das grandes ideologias do progresso, flagradas acobertando as calamidades políticas do século, mas daí a falar-se numa Dialética das Luzes, só mesmo da parte de algum mal-intencionado, no intuito de absolver o famigerado Pensamento 68, atribuindo inclusive a incoerência pragmática dos seus promotores à suposta natureza do processo. Não é que não caiba a comparação, pelo contrário, o recobrimento é até exato demais — aí o problema. Além de falsa, a idéia mesma de uma Dialética da Ilustração é perversa, por lançar uma suspeita sem volta sobre a civilização das sociedades civilizadas etc. Sem dúvida é verdade, mas apenas meia verdade, que a universalidade prometida tomou o aspecto contrário do eurocentrismo e do colonialismo (para não mencionar outras amenidades), que a organização racional da sociedade não exclui o fascismo, o genocídio bem administrado etc. Mas daí a desmoralizar-se a Europa e os valores ocidentais, a ordem democrático-liberal e a vida do espírito, só mesmo, mais uma vez, devido à exterioridade do intelectual à margem do universo democrático, extraterritorialidade resultante de mais uma mascarada gentil, pois não se pode prescindir do oxigênio liberalmente fornecido pelo mundo de que escarnece, sem o qual murcharia o ressentimento que lhe move a crítica etc. etc. No domínio do disparate convenhamos que a proeza não é pequena. Certo ou errado, o reconhecimento e exposição de uma "dialética" inerente ao processo global da *Aufklärung* é tudo menos a expressão de um

ponto de vista exterior, no caso, à caluniada ordem esclarecida do Ocidente. Se nela as coisas não são o que são — inclusive e sobretudo a própria Ideologia Burguesa —, trata-se justamente de uma fratura interna que só a crítica imanente pode expor. Isso quanto ao modelo armado por Adorno e Horkheimer, desde os tempos em que o primeiro estudava o congelamento da revolução musical de Schönberg e o segundo o niilismo das massas esclarecidas. Pouco importa. A nova apologética vai enfileirando, na qualidade de capítulos de uma mesma e nefasta "desconstrução da modernidade", o último Heidegger, a Crítica da Razão Instrumental e, agora, a Ideologia Francesa sob o nome de Pensamento 68.

7

Não iremos muito longe por esse caminho. Se existir de fato uma Dialética Francesa do Iluminismo, da qual a Ideologia Francesa seria a um tempo expressão truncada e conforme, a chave para o seu reconhecimento e interpretação deveria ser procurada noutro terreno, aliás local, porém sob o prisma da comparação, como manda o raio de ação mundial do processo. Por enquanto algumas indicações provisórias.

Ainda nesse caso a Alemanha é referência obrigatória, se é verdade que a percepção por assim dizer congênita de um permanente balanceio "dialético" no interior da *Aufklärung* constitui a mais enfática e peculiar elaboração mental da posição em falso de um país marcado pela defasagem histórica — em suma, cujo processo de socialização não seguiu a trilha clássica do desenvolvimento capitalista. Ora, a Dialética do Esclarecimento vem a ser justamente a expressão cultural — da Filosofia ao Classicismo Musical, passando pela formação do pensamento sociológico moderno, sem falar nas hesitações do Realismo Literário — da convivência antinômica de dois sentimentos constitutivos de uma espécie de amálgama raro entre consciência nacional infeliz e êxtase ameaçador de intelectual encasulado. Por um lado, a intuição, nem sempre traduzida em idéias claras e distintas, do elevado preço pago pela modernização acelerada de uma sociedade que entretanto vinha se mantendo a despeito dos antagonismos herdados; por outro lado, a sensação imperativa do progresso necessário a qualquer custo num país "atrasado", sensação tanto mais intensa quanto a barbárie dos setores mais arcaicos da sociedade e da cultura ressaltam ainda mais sobre o fundo de uma racionalização desejável e possível³⁰. Daí o permanente pé atrás diante dos Tempos Modernos, da direita jovem-conservadora ao *Kulturpessimismus* de esquerda.

O modernismo reticente da sociologia weberiana do "desencantamento" do mundo também deve ser apanhado por esse ângulo. Sucede que depois de alimentar muita sociologia americana da modernização, depois de ter definido em parte o rumo do marxismo ocidental nos anos 20, a famosa "gaiola de ferro" weberiana acabou contagiando a imaginação também ambivalente dos ideólogos franceses. Não por acaso Foucault arrumou um jeito de associar Weber à sua Microfísica do Poder. Ocorre que de fato a obra de Foucault, não obstante as flutuações de um autor excessivamente permeável à conjuntura (no eufemismo empregado por um entrevistador benevolente), pode e deve ser revista por esse prisma histórico. O seu antiiluminismo às avessas acompanha como uma sombra a reconstituição, recontada tantas vezes quanto foram as maneiras de Foucault, dos ritos de passagem para o mundo moderno. Esse o verdadeiro assunto de Foucault, a tran-

(30) Acompanhei uma formulação de Habermas. Como poderia ter recorrido a Lukács ou Adorno, pois se trata de um esquema explicativo clássico na crítica alemã materialista.

sição das sociedades tradicionais para a modernidade capitalista, esquadrinhada porém nas formas através das quais conhecimento e modos de organização social se entrelaçaram, mas de tal sorte que a ênfase da dominação, que especifica a marcha do moderno na sociedade, recai antes de tudo na malha capilar da administração integral, e de modo apenas derivado na luta que se desenrola na esfera das relações de produção. Sabe-se que Foucault negligenciava ostensivamente a dominação de classe, o lugar do Estado no capitalismo moderno etc, mas nunca em função de generalidades ontológicas acerca do Poder (como nos epígonos). Ou por outra, tirava por assim dizer conclusões "abstratas" da transição do tradicional para o moderno na história européia. Aí sua maior novidade: contrapor à gênese categorial do campo filosófico moderno e seu ideário por ele mesmo batizado de histórico-transcendental uma espécie de fogo de barragem *ultra-iluminista*. Assim, em lugar de doutrinas alternativas, a desmoralização pela sondagem institucional do subsolo daquele horizonte carregado de promessas. Quando Foucault embarcou, logo na primeira hora do Estruturalismo militante, no "discurso negativo sobre o Sujeito", estava de fato reabrindo o processo da Modernidade, que na época ainda não atendia por esse nome.

Esquemas da sociologia weberiana da *Aufklärung* — "esclarecimento" em progresso nas formas racionais de organização das burocracias modernas e do agenciamento capitalista do processo de trabalho — transparecem igualmente na idéia foucaultiana de que o Poder não é uma instância negativa mas produtiva, no caso, de domínios objetivos e rituais de verdade. Sabemos enfim no que consiste a "dialética" weberiana da racionalização moderna, apanágio casual do Ocidente, da invenção renascentista da perspectiva pictórica ao sistema tonal na música, passando pela eficiência dos campos de extermínio bem planejados como qualquer empreendimento econômico: como lembrado há pouco, a evaporação do "sentido" e da liberdade num mundo assim emancipado, expurgado dos fantasmas tutelares da tradição³¹. Meio século depois, a percepção francesa dessa "dialética" inverteu a tonalidade da matriz weberiana reencontrada quase por instinto. Igualmente presente, a circunstância catalisadora de um país a seu modo retardatário, projetado com os traumas de praxe no *brave new world* da ordem capitalista internacional, sobretudo depois da falsa brecha de 68.

Voltemos então ao weberianismo de vanguarda de Foucault porém nas palavras quase inocentes de um crítico americano, que cito por extenso tamanha a capacidade reveladora de seus arroubos futuristas. Depois de fustigar o eclipse pós-moderno, sob o qual "toda uma geração de refugiados dos anos 60 encontrou um alibi de dimensão histórica e mundial para o sentimento de passividade e desesperança que tomou conta de tantos de nós nos anos 70", e imaginar uma injeção de ânimo à base de "modernismos do passado" reanimados para este fim, trazendo em consequência novamente à vida o "dinâmico e dialético modernismo do século XIX", Marshall Berman (creio que o leitor já o tinha reconhecido) detém-se por um momento na imagem foucaultiana da modernidade: "uma interminável, torturante série de variações em torno dos temas weberianos do cárcere de ferro e das inutilidades humanas (*sic*), cujas almas foram moldadas para se adaptar às barras. Foucault está obcecado por prisões, hospitais, asilos, por aquilo que Erving Goffman chamou de instituições totais [...] As totalidades de Foucault absorvem todas as facetas da vida moderna. Ele desenvolve esses temas com obsessiva inflexibilidade e, até mesmo, com filigranas de sadismo, rosqueando suas idéias nos leitores como barras de ferro, apertando em nossa carne cada torneio dialético como mais uma volta do parafuso". Tirante a indignação bisonha diante do

(31) Veja-se a notável reconstituição do pensamento weberiano no primeiro volume da *Teoria da Ação Comunicativa* de J. Habermas.

"mais selvagem desrespeito" que Foucault reserva às "pessoas que imaginam ser possível a liberdade para a humanidade moderna" — um verdadeiro desacato, outrora condição do Progresso, hoje efeito *cool* de uma "vanguarda retroversa", como Habermas qualificou a arquitetura pós-moderna exibida na Bienal de Veneza em 1980 —, pois à parte essa miopia de velho-modernista, a observação que se segue atina em parte com o *frisson* adicionado pelos franceses ao virtual porém confortável colapso do projeto moderno. Acompanhando portanto o novo roteiro weberiano de Foucault, "inútil tentar resistir às opressões das injustiças da vida moderna, pois até os novos sonhos de liberdade não fazem senão acrescentar mais elos à cadeia que nos aprisiona; porém, assim que nos damos conta da total inutilidade disso tudo, podemos ao menos relaxar". Erro flagrante de personagem na galeria dos ideólogos franceses. Não é inteiramente falso aludir a esse abrandamento da tensão moderna na conclusão foucaultiana de que toda emancipação é uma nova forma de sujeição, mas o referido "relaxamento" — uma espécie de suspiro desfogado em plena alienação — será providência específica dos *désirants*, cifrada na revelação de que a forma-mercadoria generalizada é no fundo um condutor de "intensidades" libidinais³². Novamente surrealismo em clima festivo de fim de linha. Nessa vertente torna-se ainda mais flagrante o abismo que separa a velha-guarda frankfurtiana da reviravolta afirmativa do pós-estruturalismo, atribuída esta última por Lyotard a uma percepção mais afinada da marcha batida do capitalismo, evidentemente grafado com k: "nous avons sur Adorno l'avantage de vivre dans un kapitalisme plus énergique, plus cynique, moins tragique. Il met tout en représentation".

Mas antes de passarmos à aclimação cínica da *Aufklärung*, rebatida no seu grau zero dialético, ainda uma observação a respeito do vanguardismo weberiano de Foucault. Não sei se de caso pensado, na sua apresentação de conjunto do pós-modernismo como "lógica cultural do capitalismo avançado", Fredric Jameson, não só atribuiu ao pós-estruturalismo americanizado a formação do gênero arresvesado "Theory", como também retoma, sem no entanto citar, a glosa de Marshall Berman do mote foucaultiano do Superpoder, nos seguintes termos: uma visão como esta, centrada num sistema total absolutamente onipresente, parece ter sido talhada para incutir no leitor um sentimento da mais insanável impotência; com isso, tanto mais ganha o "theorist" quanto mais carrega na imagem da sua máquina infernal, está claro que na exata medida da paralisia do leitor aterrorizado porém sem dúvida siderado de estesias. (Lembremo-nos da descrição do suplício de Damiens.) Costuma-se apresentar o cenário pós-moderno, nele incluída a "teoria" francesa, como um palco iluminado a *néon* sobre o qual se desenrola a coreografia vaporosa de figurantes que teriam deixado para trás a aspiração tipicamente moderna, configurada no ânimo produtivo da alienação, pela vida sem medo. Não é bem assim, se é verossímil a derivação que se acabou de assinalar na origem de um dos estratagemas pós-modernos de anestesia. De fato um caso de "racionalização do estado inquietante da realidade", como disse certa vez Horkheimer noutra circunstância. O efeito retórico produzido pela escrita genealógica de Foucault vem de longe, embora *cool* trai sua filiação jovem-conservadora sobretudo na intenção de produzir calafrios *in vitro*, aliás um propósito especificamente moderno, esse de se tornar "existencialmente desprotegido, assustando-se a si mesmo", na fórmula de Günther Anders. Efeito que os ideólogos franceses pedirão à estilização da retórica tardia das situações-limite. Desabusados e *blasés* por três séculos de esclarecimento, não será sem algum artifício que puxarão uma "transgressão" como outrora seus antepassados alemães, uma "angústia".

(32) Cf. Peter Dews, *Logic of Desintegration*, ed. cit., p. 167; cf. igualmente Manfred Frank, "The World as Will and Representation: Deleuze's and Guattari's Critic of Capitalism as Schizo-Analysis and Schizo-Discourse", in *Telos*, N° 57, 1983.

Ao contrário do que pensam tanto os consternados advogados alemães da causa moderna, quanto os americanos deslumbrados como novos-ricos do *boom* desconstrucionista, os ideólogos franceses não são os campeões da contra-ilustração. Pelo menos desde que se entenda por Iluminismo também aquilo que ele sempre foi, ou melhor, o processo histórico através do qual ele vem se transformando naquilo que de fato é: a irresistível expansão soberana do sujeito sem tutela e sem limites. Não sei de melhor reconhecimento involuntário desse fato do que esta singela tirada de Jacques Bouveresse contra Foucault: "o mais esclarecido (*éclairé*) e avançado pensamento de hoje de fato suprimiu os derradeiros restos de idealismo (*sic*) que poderiam tornar desejável e concebível uma transformação qualquer da realidade social na direção dos ideais humanitários (*sic*) herdados da *Aufklärung*". Deve ser sem dúvida acabrunhante redescobrir que a tão decantada Ilustração (à esquerda e à direita, tanto pelos promotores da ressurreição da Esfera Pública quanto pelos ideólogos do capitalismo pós-industrial) é justamente esse movimento de báscula no seu contrário.

Digamos que a Ideologia Francesa seja um caso terminal de "cinismo ilustrado". Esta última expressão forjou-a seu autor não só no intuito de marcar o encontro da Ilustração com os seus limites, e por aí divertir-se às custas dos bons sentimentos da *Aufklärerei*, mas também no de assinalar a presença descarada do Esclarecimento no seu Outro³³. Noutras palavras: sobre a "dimensão transgressora" do Sobrinho de Rameau — pois é ele o cínico em questão — não por acaso realçada nas páginas célebres que lhe dedicou Foucault na *História da Loucura*, também se reflete a imagem cínico-utilitária dos cálculos libertinos do Marquês de Sade. Desnecessário relembrar o lugar central ocupado pelos escritos de Sade na fantasia especulativa de Bataille, Blanchot, Klossowski etc, isto é, numa das principais fontes da Ideologia Francesa. Também é inútil frisar que era na sua mais trivial acepção que Marshall Berman se referia ao "sadismo" das análises de Foucault, acertando não obstante em cheio no seu núcleo essencial de *pensée éclairée* movida a "torneios dialéticos". De fato, ninguém mais desabusado. Daí o *brivido d'horrore* com que os alemães acompanharão a volta do pêndulo, do mundo desmitologizado para a barbárie sedutora do mito. Mas para os franceses já se trata apenas de Literatura.

Pode-se sem dúvida dizer, carregando no duplo sentido muito bem dosado do termo, que a Ideologia Francesa nasceu, cresceu e prosperou à sombra do Iluminismo³⁴. Na primeira hora do Estruturalismo, o que foi a liquidação da "vivência" dos fenomenólogos senão uma operação assassina de "esclarecimento"? E em cujo sarcasmo era impossível deixar de reconhecer mais de um traço do famigerado *ricanement* de dois séculos atrás. Replicando na época à acusação de "abstração" — ainda pecado mortal no fim de um período que principiara rumando ao "concreto" —, Foucault se comprazia em afetar a reação do homem de ciência diante das efusões sentimentais do Humanismo: "todos esses gritos do coração, todas essas reivindicações da pessoa humana, da existência, são abstratas, quer dizer, separadas do mundo científico e técnico, que, esse sim, é o nosso mundo real". A ciência em questão era evidentemente a de Lévi-Strauss, em particular a maneira pela qual o ponto de vista da Antropologia Estrutural ia demolindo o "sentido" laboriosamente procurado e reconstruído por um Sartre no deserto moderno, a demonstração de que ele não era mais do que "um efeito de superfície, uma

(33) Cf. Rubens Rodrigues Torres Filho, *Ensaio de Filosofia Ilustrada*, São Paulo, Brasiliense, 1987, pp. 53 ss.

(34) Outra fórmula de Rubens Rodrigues Torres Filho, *op. cit.*, p. 53.

reverberação, uma espuma". Essa a tonalidade ultra-iluminista dos anos 60, bem conhecida porém raramente chamada pelo seu verdadeiro nome. Note-se então que o primeiro Foucault reativou com a maior naturalidade o *détour* característico do Iluminismo histórico, salientado páginas atrás, a saber, passar por estrangeiro em sua própria terra, ao transpor o ponto de vista do etnólogo para o *exame* — também na acepção ilustrada do termo — do mundo moderno surpreendido no seu nascedouro, transformando assim em língua morta a gramática da modernidade tão encarecida pela atual teoria alemã. Também já mencionei o passo seguinte nessa direção, no rumo do esclarecimento total, as metamorfoses franco-alemãs do sempre enaltecido (pelos ideólogos) *pathos* da distância, dos moralistas franceses seiscentistas até sua reversão pela galáxia Nietzsche de hoje. Podemos precisar um pouco mais agora.

Censurava-se na abstração do Estruturalismo sobretudo a *frieza* com que congelava o calor da existência concreta etc. Sem dúvida frieza de um espírito analítico que casava bem com o epistemologismo imperante na época, mas igualmente expressão de uma outra paixão predominante naquele tempo em que o rigor ostensivamente alegado dava o tom, no jargão do período, a "paixão pelo Conceito". Essa a verdadeira vocação da inteligência que então se contrapunha à "tepidéz mole dos compromissos". Porém uma paixão *fria*, como costumava dizer Foucault. Aí a novidade, enfatizada pelos próprios protagonistas da temporada que se abria: a reinvenção da *froideur* ilustrada, sem a qual não seria possível falar mal do homem, mas tampouco a constituição de um sujeito sem tutela. Nos primeiros tempos da Ideologia Francesa o novo intelectual precisava apresentar-se como um ser frio e sistemático, e por tabela, um arquiinimigo da "vida interior" como Sartre poderia então mais facilmente passar por lacrimajante. Frieza de quem calcula e se controla, equilibrando paixões e interesses conforme madrugava o capitalismo, mas igualmente, no outro extremo, frieza de intelectual "desencantado", decapitando sem anestesia toda a aura das significações vividas, cujas raízes Merleau-Ponty, este sim adversário confesso da Ilustração, das suas platitudes e venenos, porfiava por desentranhar das dobras do corpo próprio, na gama incomensurável das expressões do "metafísico no homem". Além do mais, um gelo de vanguarda, conforme ficou sugerido acima. O achado reside na transgressão *à froid*. Não havendo mais nada a profanar — como reconhecia Foucault dando um balanço na herança de Bataille — inaugurava-se outro ritual, o da transgressão sem conteúdo, por isso mesmo mais cintilante na forma vazia da sua própria-ausência etc. Um mosaico de fórmulas que aos poucos irão definindo a Literatura, assim mesmo com maiúscula e sem nenhum outro qualificativo que lhe comprometa a pureza do gesto radical e instituinte.

Por enquanto apenas o registro de que a redescoberta da *froideur* iluminista pela Ideologia Francesa é indissociável da trajetória da vanguarda literária pós-surrealista³⁵. Uma *vanguarda branca* no coração da Dialética Francesa do Iluminismo, cujo diagrama é justamente essa alternância espiralada de esclarecimento sem resto e transgressão estetizante. Amaciado por uma conjuntura de amolecimento, ainda um espasmo do modernismo histórico. Com o tempo e a travessia do Atlântico, acabaria desempenhando dois papéis para os quais não havia ensaio: espantalho *pop* a serviço da chantagem neo-ilustrada e ideologia do "pós-moderno". É verdade que nesse meio tempo a França pós-68, mais uma vez na sua carreira de modernizações abortadas, promovia uma nova arrancada na tentativa de ser moderna, (continua)

(35) Como foi observado de passagem por A. Honneth, "Foucault et Adorno", *Critique*, nº 471-472, 1986, pp. 802-803.

Paulo Eduardo Arantes é professor do Departamento de Filosofia da FFLCH da USP. Já publicou nesta revista "Idéias ao Léu" (nº 25).